
Eu vi sobre o rio a pele... sobre a pele, mapas... sobre mapas, vidas...

Above the river, I saw skin... above the skin, maps...
above the maps, lifes...

Sobre el río, vi la piel... sobre la piel, mapas...
sobre los mapas, vidas...

Cláudia Leão *, Luana Peixoto **, Dimitria Leão *** (Brasil)

<https://doi.org/10.22409/poiesis.v22i37.47269>

RESUMO: Este ensaio é constituído de excertos de textos, poemas, imagens, e principalmente das experiências vividas ao longo de mais de seis anos de trabalhos entre os projetos: *Navs e Paisagem: diário de bordo entre Belém* (2013) e *Chaves, Atlas, Paisagem e Pele: Fluxos de Viagem na Amazônia Insular* (2015), que integraram o projeto de pesquisa “Sobre a Pele, o rio: a paisagem no território da cultura atravessando o campo da arte”. As ações se estendem ainda hoje, continuando com a força e a colaboração de pessoas, na tentativa de atingir outros circuitos, expandir limites e fronteiras, para além do campo da arte, para pensar especialmente sobre o que foi imposto como projeto de “desenvolvimento” amazônico e para quem, e principalmente pensar as especificidades e autonomias de povos das Amazônias.

PALAVRAS-CHAVE: arte e política; Rio Xingu; povos tradicionais; Amazônias

* Cláudia Leão é fotógrafa, pesquisadora e professora dos cursos Artes Visuais da Universidade Federal do Pará. E-mail: aclaudialeao@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4005-3436>.

** Luana Peixoto é artista visual, pesquisadora, professora e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Arte na Universidade Federal do Pará. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9332-5098>. E-mail: luanabeatriz@gmail.com.

*** Dimitria Leão é mestranda do Programa de Pós-Graduação Nova Cartografia Social e Política da Amazônia da Universidade Estadual do Maranhão e professora de língua portuguesa e literaturas, e educadora social. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8631-0664>. E-mail: dolores.mynos@gmail.com.

ABSTRACT: This essay is composed by excerpts of texts, poetries, images, and mostly, from the experiences of more than six years of works between the projects: *Navs e Paisagem: diário de bordo entre Belém* (2013) e *Chaves, Atlas, Paisagem e Pele: Fluxos de Viagem na Amazônia Insular* (2015) which were part of the research project "Above the skin, the river: crossing the art department, the landscape in culture territory." The actions are still happening, and they keep on rolling with the strength and collaboration of the people who attempt to reach others fields, expanding limits and borders beyond the art domain in order to think, specially, about what was imposed as a "development" Amazonian project, and for who, so we can think, primarily, the specificities and autonomies of Amazonian populations.

KEYWORDS: art and politics; Xingu River; traditional people; Amazons

RESUMEN: Este ensayo consiste en extractos de textos, poesía, imágenes, y especialmente de las experiencias vividas durante más de seis años de trabajo entre proyectos: *Navs e Paisagem: diário de bordo entre Belém* (2013) y *Chaves, Atlas, Paisagem e Pele: Fluxos de Viagem na Amazônia Insular* (2015), que formaban parte del proyecto de investigación "Sobre la piel, el río: el paisaje en el territorio de la cultura que atraviesa el campo del arte". Las acciones se siguen ampliando hoy en día, continuando con la fuerza y la colaboración de las personas, en un intento de llegar a otros circuitos, ampliar los límites y fronteras, además del campo del arte, para pensar especialmente en lo que se impuso como un proyecto de "desarrollo" amazónico y para quién. Sobre todo para así pensar en las especificidades y autonomías de los pueblos de la Amazonia.

PALABRAS CLAVE: arte y política; Río Xingu; pueblos tradicionales; Amazonías

Citação recomendada:

LEÃO, Cláudia; PEIXOTO, Luana; LEÃO, Dimitria. Eu vi sobre o rio a pele... sobre a pele, mapas... sobre mapas, vidas... *Revista Poiésis*, Niterói, v. 22, n. 37, p. 177-188, jan./jun. 2021. [<https://doi.org/10.22409/poiesis.v22i37.47269>]



Este documento é distribuído nos termos da licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional (CC-BY-NC) © 2021 C. Leão, L. Peixoto, D. Leão

**Eu vi sobre o rio a pele... sobre a pele, mapas...
sobre mapas, vidas...**



179

Fig. 1 - Cláudia Leão, Ilhas Queimadas, Rio Xingu, julho de 2015.
(Fonte: Cláudia Leão)

Antes desse tempo... antes de barrarem o rio, antes da volta grande começar a secar, antes de no meio da mata aberta monstros de ferro plantados traçarem no céu os fios de alta tensão... antes... não era vazio, nunca foi, antes... com certeza, antes, havia muito mais...

As viagens que proponho, diferente das empreendidas por Bashô, não são solitárias. Com convidados, proponho nos permitir ir e viver tudo o que a viagem puder trazer, que são as experiências que os longos percursos feitos de barco nos possibilitam, que vão desde conhecer pessoas que estão de passagem, movimentando-se como nós, (transitando entre uma localidade ou uma cidade ribeirinha em outra ou sua cidade destino); conversar sobre todas as experiências que o tempo da viagem nos permitir; dormir, se embalar na rede no balanço da água; escutar a músicas que outra pessoa escutar, ou as conversas alheias sobre o que acontece nos lugares onde vivem; ouvir o ronco, o ressonar, a respiração; conhecer as histórias de lugares nunca antes vividas, ler, escrever, sentir frio e o vento da noite; sentir o medo da água quando lança forte; contar as minhas histórias, saber das histórias de

outros e viver a monotonia da paisagem, pois, como me disse um viajante, enquanto comprava as passagens de uma das viagens: "no barco a gente só vê água e céu". Entendo que experimentar viagens é sentir as viagens, permitindo-se, no ímpeto do corpo, penetrar os rios, atravessar e ser atravessado. Traçando rotas inexistentes, seguindo o fluxo contínuo, esse, suponho, ser o intento.

(entre maio e junho de 2015, entre os rios Amazonas e Xingu)



Fig. 2 - Luana Peixoto, *Último Verão da Volta Grande, Rio Xingu*, julho 2015.
(Fonte: Luana Peixoto)

Antes de fecharem o rio

Em julho de 2015, fui à Volta Grande do rio Xingu, perto das cidades de Altamira e de Vitória do Xingu, no estado do Pará. Um período decisivo para este rio, já que nos meses seguintes o governo e empresas privadas completariam o barramento total de parte de seu caminho para o funcionamento da usina hidrelétrica de Belo Monte – eles decidiram construir uma espécie de muro enorme no meio da água, a vida não seria mais a mesma; era comum as pessoas mais velhas que habitavam aquele rio se lastimarem, os mais jovens cresceriam sem saber como fora a liberdade do rio.

Eu e as pessoas que viajavam comigo passamos a denominar aquele momento de "o último verão da Volta Grande". Eu estava na proa de uma rabeta, em um trecho em que há inúmeras pedras que desenham um labirinto no rio. Quando encarei este caminho senti que o rio me contava a história de outros que o fizeram, uma memória do espaço, não apenas minha, mas também das crianças, mulheres e homens, das pedras, das plantas, dos peixes. O som das águas, das conversas,

do canto assombrado dos pássaros, pelo anúncio das sirenes que antecedem as detonações de dinamites que destroem o rio; ouvi desses caminhos das lembranças uma ameaça de esquecimento.

Marco Zero, algum dia entre sete.

*A delicadeza pontual de todos os encontros
E a sua incerta potência de transformação
Fazer-se entender
Somos todos, de alguma forma pungente, órfãos
E, por isso, a solidão é um sentimento ao que é
preciso respeito, pois é o que nos alia e nos
permite amar.*

Dentre as esterilizações, causadas pela seca da barragem, os ribeirinhos passaram a dividir-se entre duas ocupações principais, tornaram-se, como eles mesmos diziam, "pescadores sem rio" e, paralelamente, cumpriam a função de representar um dos dramáticos sintomas exemplares naquela torpe, insana e imunda disputa de terras.

(Julho de 2015, entre o Amazonas e o Xingu)



Fig. 3 - Luana Peixoto, *Bruno na ilha Murici, Rio Xingu*, fevereiro de 2014.
(Fonte: Luana Peixoto)



Fig. 4 - Cláudia Leão, *Ilha Murici, Volta Grande*, julho, 2015.
(Fonte: Cláudia Leão)



Fig. 5 - Cláudia Leão, *Seu Zequinha da sua janela, o rio Amazonas*. Localidade de Praia Verde, Almeirim, Rio Amazonas, abril de 2015. (Fonte: Cláudia Leão)

Sobre os caminhos do ouro

A lenda do "Eldorado", creio que era o que seduzia tão fortemente e que também o que atraía para as profundezas do interior do continente – essa lenda que se tornou tão funesta para tantos espanhóis, que tantos conquistadores perseguiram como um espectro, que com cada passo penetravam mais profundamente no interior e de cada vez lhes fugia para mais longe, porque os indígenas, utilizando-se habilmente da sede de ouro dos espanhóis, iam colocando cada vez mais longe deles a sede do mito, podendo assim subtrair sua tribo à avidez dos estrangeiros." (ADALBERTO, 1977, p. 132)

A corrida ao ouro permeia a história humana ocidental. As viagens marítimas do "Velho" continente Europeu ao "Novo Mundo" foi um desses processos e pôs empenho em viajantes de todos os tipos. Sob a ótica dos europeus, multiplicam-se as coordenadas do globo e o número de mapas que tentavam traduzi-lo. Várias lendas e monstros tomaram corpo nesse caminho e nesses papéis para compor um imaginário desse "Novo" como o El Dorado. Este marcou as terras deste continen-

te, América, até os dias atuais. No Peru, se escuta uma frase: "com o ouro e a prata que os espanhóis levaram daqui se construiria uma ponte da América até a Espanha, e com os ossos dos que mataram uma ponte de ida e outra de volta". Hoje poderíamos imaginar quantas pontes de ossos e minérios entre o passado e o presente seriam construídas?

No presente da Volta Grande do Xingu, que se localiza no estado do Pará, na fronteira dos municípios de Senador José Porfírio e Altamira, as visões sobre o ouro se ressignificam com os conflitos entre diferentes mundos. Esta é a região onde atuei junto a movimentos sociais locais, que conheci há cerca de 5 anos (2013) quando nosso grupo tentava registrar os acontecimentos das vidas dos ribeirinhos que ficaram neste trecho do rio, onde sua vazão foi reduzida com a Hidrelétrica de Belo Monte¹.

Cerca de 30 minutos após o barramento do Sítio de Pimental, na margem direita do rio, foram postas placas com o símbolo da "Belo Sun Mineração", a mineradora canadense, que desde 2010 comprou a antiga Mineradora Verena, com o intuito

de construir uma grande estrutura para extrair a céu aberto. Nesta ocasião conhecemos a Vila do Galo e a Ilha da Fazenda e tomamos conhecimento da história de muitos trabalhadores e famílias que dependiam do garimpo – suas vidas estavam sendo impactadas tanto pela UHE Belo Monte quanto pela Belo Sun Mineração.

A atividade garimpeira na Volta Grande do Xingu, município de Senador José Porfírio, mesorregião do sudoeste do estado do Pará, tem início por volta da década de 40, na região conhecida como Vila da Ressaca. A descoberta do garimpo atraiu homens e mulheres, que passaram a construir as vilas e comunidades nas margens do rio Xingu e ao redor dos veios dos garimpos que existem hoje. As regiões da Vila da Ressaca, Ilha da Fazenda, Garimpo do Galo, Ouro Verde são lugares construídos por essas diversas trajetórias.

A partir da década de 1980, empresas de mineração se instalaram na área. A maior delas foi construída sob o nome de Oca Mineração, que despertou interesse de grandes empresários, passando a ser alvo de grandes disputas. Em 2011, torna-se canadense e a se chamar Belo Sun Mine-

ração. A implantação desta mineradora, desde os estudos para a instalação, além de ser mais um projeto desenvolvimentista para uma região impactada pela Hidrelétrica de Belo Monte, ameaça e criminaliza a atividade dos garimpeiros tradicionais e desestrutura o território das comunidades da Volta Grande do Xingu. Contudo, um grupo de garimpeiros da vila da Ressaca se tornou um dos principais movimentos sociais de resistência a este empreendimento.

(Entre 2017 e 2018, Volta Grande do Rio Xingu)

Notas

¹ A Hidrelétrica de Belo Monte iniciou sua operação em maio de 2016.

Referências

ADALBERTO, *Príncipe da Prússia. Brasil : Amazonas - Xingu*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2002.



Fig. 6 - Dimitria Leão, *Ideglan mostra o ouro em uma pedra*, Ressaca, Senador José Porfírio, novembro 2017. (Fonte: Dimitria Leão)